

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-OP-016

Entrevistado: Mauro de Jesus

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

Data da entrevista: 27/02/2007

Horário da entrevista: 9h30min

Duração da entrevista: 38mim36seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade
(monitor)

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Luana Campos e Silva (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 01/04/2007

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 05/04/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Elodia Lebourg – Bom dia.

Mauro de Jesus – Bom dia.

Elodia Lebourg – Eu queria começar com o senhor falando seu nome completo.

Mauro de Jesus – Eu me chamo Mauro de Jesus.

Elodia Lebourg – O senhor tem algum apelido? Alguma forma que prefere ser chamado?

Mauro de Jesus – Eles me chamam mais de Sauá, não é?

Elodia Lebourg – De quê?

Mauro de Jesus – Sauá, porque pareço com macaco, não é? [riso] Eles falam. [risos]

Elodia Lebourg – Mas eu posso chamar de Mauro mesmo?

Mauro de Jesus – Pode. Pode chamar de... Tanto faz, não é? Sauá ou Mauro.

Elodia Lebourg – Qual a data e o local de seu nascimento?

Mauro de Jesus – Vinte de setembro de 1945. Mariana.

Elodia Lebourg – Qual o nome dos seus pais?

Mauro de Jesus – José de Jesus Sobrinho e Maria Bernarda de Souza.

Elodia Lebourg – De onde eles eram?

Mauro de Jesus – Mariana também.

Elodia Lebourg – Em que seu pai trabalhava?

Mauro de Jesus – Indústria. Operário de indústria.

Elodia Lebourg – Qual indústria?

Mauro de Jesus – ALCAN¹.

Elodia Lebourg – Então ele trabalhava em Ouro Preto.

Mauro de Jesus – Não. Ele trabalhava no município de Mariana.

Elodia Lebourg – Onde?

Mauro de Jesus – Salto².

Elodia Lebourg – No Salto?

Mauro de Jesus – É. Depois ele veio para cá.

¹ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

² O entrevistado se confundiu, pois o distrito de Santo Antônio do Salto pertence a Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Mas lá tinha alguma coisa da ALCAN?

Mauro de Jesus – Lá tem usina, três usinas, não é?

Elodia Lebourg – Sua mãe trabalhava com o quê?

Mauro de Jesus – Minha mãe era doméstica.

Elodia Lebourg – Dona de casa?

Mauro de Jesus – Dona de casa.

Elodia Lebourg – O senhor tem irmãos?

Mauro de Jesus – Tenho.

Elodia Lebourg – Quantos?

Mauro de Jesus – São cinco irmãos.

Elodia Lebourg – Algum deles seguiu a profissão de garimpeiro?

Mauro de Jesus – Não. Só eu.

Elodia Lebourg – Em que eles trabalham?

Mauro de Jesus – Um trabalha como eletricista e um é mecânico. As três moças são casadas.

Elodia Lebourg – O senhor exerceu alguma outra profissão antes de ser garimpeiro?

Mauro de Jesus – Eu trabalhava na ALCAN.

Elodia Lebourg – Em Ouro Preto?

Mauro de Jesus – É. Aqui em Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Fazendo o quê?

Mauro de Jesus – Operário, não é? Mexia com a indústria de alumínio.

Elodia Lebourg – Por quanto tempo trabalhou nessa área?

Mauro de Jesus – Trabalhei durante 25 anos e três meses.

Elodia Lebourg – Por que o senhor saiu?

Mauro de Jesus – Aposentei-me. Saí aposentado.

Elodia Lebourg – Em seguida, o que o senhor foi fazer?

Mauro de Jesus – Aí eu comecei a mexer com garimpo, não é?

Elodia Lebourg – Senhor Mauro, o que é um garimpo?

Mauro de Jesus – Um garimpo nosso aqui é... Nós procuramos sempre nesses córregos, não é? Pedra preciosa... Mas é difícil...

Elodia Lebourg – Que tipo de pedra?

Mauro de Jesus – Topázio. O único objetivo nosso aqui é o topázio. Mas é sempre difícil achar. Não é fácil, não!

Elodia Lebourg – Por que é difícil?

Mauro de Jesus – Ah, é difícil porque, hoje em dia, as barragens... Não está descendo mais nada para esses córregos, não é? Antigamente, não tinha essas barragens. Hoje em dia, essas barragens são feitas para não descer nada para o córrego. As companhias, acho que não... O Meio Ambiente³ não deixa mais essas terras descerem para o córrego, não é? O que dificulta nossa procura no garimpo.

Elodia Lebourg – Existe alguma diferença entre garimpar e minerar?

Mauro de Jesus – Não. Garimpar e minerar são a mesma coisa. Para nós garimpeiros, são a mesma coisa.

Elodia Lebourg – O senhor poderia me falar um pouquinho sobre a origem do garimpo em Ouro Preto?

Mauro de Jesus – A origem do garimpo daqui é boa, não é? Só que tem que, sem as máquinas sofisticadas, não tem condição de tocar. Só companhia, mesmo. Nós que somos garimpeiros pequenos, como diz o outro, não temos condições.

Elodia Lebourg – Então, para garimpar topázio precisa-se de máquina grande?

Mauro de Jesus – Precisa. Senão não tem condições de tocar a lavra.

Elodia Lebourg – Que tipo de máquina seria essa?

Mauro de Jesus – Ah! Diversas máquinas, equipamento sofisticado, como Edmar⁴ tem, para tocar uma lavra.

Elodia Lebourg – Mas e essa questão da origem do garimpo? Quando se começou a garimpar em Ouro Preto? O senhor saberia me dizer?

Mauro de Jesus – Data certa não, não é? Mas eu comecei a garimpar mesmo foi em 1985, mais ou menos...

Elodia Lebourg – Mas e na história do garimpo como um todo? Isso que eu estou perguntando para o senhor. Em Ouro Preto, as pessoas garimpam há muito tempo?

Mauro de Jesus – Ah, já! Muito tempo!

Elodia Lebourg – Desde quando se tem notícia disso?

³ Refere-se aos órgãos governamentais relacionados à legislação, preservação e fiscalização do meio ambiente.

⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo. Edmar é proprietário da Topázio Imperial Mineração, localizada em Rodrigo Silva, distrito de Ouro Preto.

Mauro de Jesus – Desde quando começou a lavra. Eles começaram a achar pedra aí nesse córrego, começaram a fazer essa pesquisa.

Elodia Lebourg – A cidade se chama Ouro Preto. O senhor sabe o que é esse ouro preto?

Mauro de Jesus – Dizem que o ouro que eles tiravam daqui era preto. Eu nunca vi, não posso coisa porque não sei. Mas dizem que o ouro era escuro mesmo, era preto mesmo. Aí veio essa coisa, o nome de ouro preto.

Elodia Lebourg – Na região, outros lugares, cidades, rios têm o nome originado de...

Mauro de Jesus – De topázio? De garimpo, não é?

Elodia Lebourg – De exploração de pedras?

Mauro de Jesus – Têm. Rodrigo Silva, não é? Tem um... Vocês nunca ouviram falar desse lugar: Água Fria⁵, lá perto de Itatiaia⁶. O Córrego do Salto⁷ também dá, o Córrego Cipó⁸... Todos esses córregos dão mineração.

Elodia Lebourg – Existe alguma devoção religiosa específica do garimpeiro?

Mauro de Jesus – Ah, na hora do aperto, eles pedem a tudo quanto é santo! [riso] Não tem santo... [riso]

Elodia Lebourg – O que é a “hora do aperto”, para o garimpeiro?

Mauro de Jesus – Às vezes, está precisando achar uma pedra, não é? Aí pede a tudo quanto é santo para...

Elodia Lebourg – O senhor tem alguma devoção específica?

Mauro de Jesus – Ah! Eu sou católico e minha coisa é Nossa Senhora, que ajuda a gente.

Elodia Lebourg – Existe alguma data especial comemorada pelo garimpeiro?

Mauro de Jesus – A data especial é o dia em que ele acha uma pedra boa! [riso] Ele fica tranqüilo. Essa aí é que a data especial. [riso]

Elodia Lebourg – Em que época o senhor começou a garimpar?

Mauro de Jesus – Eu trabalhava na ALCAN ainda. Em 1983, eles começaram a falar... A gente ia lá hora de folga, a gente dava uma corridinha lá. Em 1983.

Elodia Lebourg – Em que região o senhor começou a...?

Mauro de Jesus – Nesse córrego que desce aqui, Córrego de Tripuí⁹.

⁵ Serra da Água Fria, localizada em Ouro Branco, município de Minas Gerais.

⁶ Distrito de Ouro Branco.

⁷ Córrego que passa pela região de Ouro Preto.

⁸ Córrego que passa pela região de Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Com quem o senhor aprendeu a garimpar?

Mauro de Jesus – Ah, era um colega! Ele já até morreu, falecido.

Elodia Lebourg – Quem era?

Mauro de Jesus – Chamava-se Amaral¹⁰.

Elodia Lebourg – Amaral? Como você se associou a ele para aprender o garimpo? Como foi isto: o senhor trabalhava na ALCAN e, de repente, resolveu ir para o garimpo, nas suas horas de folga.

Mauro de Jesus – Ele trabalhava também na ALCAN, junto com a gente. Aí ele me convidou: “Oh, achei uma pedrinha ali! Você não quer ir lá com a gente, não?” Eu fui e gostei. E estou nesse ramo até hoje.

Elodia Lebourg – Por que o senhor se tornou garimpeiro depois de aposentado?

Mauro de Jesus – Ah, porque o garimpo é gostoso!

Elodia Lebourg – E dá dinheiro?

Mauro de Jesus – Dá. Dá dinheiro. Depende de achar um lugar para trabalhar certo, não é? Hoje em dia está difícil, porque o Meio Ambiente não deixa trabalhar em qualquer lugar. Nós estamos tentando montar uma cooperativa, mas está difícil demais! Essa cooperativa nunca sai!

Elodia Lebourg – Por que está difícil?

Mauro de Jesus – Ah! Uns puxam para que a cooperativa saia; outros puxam para não sair. Tem muita gente grande que não quer que ela saia.

Elodia Lebourg – Por quê?

Mauro de Jesus – Ah, isso aí eu não sei! Deve prejudicá-los. Se a cooperativa sair, as pedras vão ter que ser vendidas, negociadas pela cooperativa.

Elodia Lebourg – Então existe um grupo de garimpeiros na região que está se reunindo para formar uma associação.

Mauro de Jesus – Para formar uma associação.

Elodia Lebourg – Desde quando?

Mauro de Jesus – Ah, eles estão pelejando para que essa cooperativa saia tem mais de dois anos.

Elodia Lebourg – E é aqui em Ouro Preto?

Mauro de Jesus – É.

⁹ O Ribeirão Tripuí passa pela região de Ouro Preto.

¹⁰ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Elodia Lebourg – Esses “grandes”, que o senhor comentou, seriam donos de empresas maiores...

Mauro de Jesus – Ah, é! Dono de empresa.

Elodia Lebourg – ... ou outros garimpeiros?

Mauro de Jesus – Não, dono mesmo de empresa.

Elodia Lebourg – Entendi. O senhor possui algum tipo de registro profissional como garimpeiro?

Mauro de Jesus – Não. Nós estamos tentando montar essa cooperativa para que tenhamos mais liberdade, apoio para ter os documentos certos.

Elodia Lebourg – Para ser garimpeiro, de que tipo de documento precisa?

Mauro de Jesus – Ah, tem... Carteirinha, não é? Tem que ter uma carteirinha para que o IBAMA¹¹ libere para que a gente possa garimpar tranqüila.

Elodia Lebourg – Que outras melhorias essa associação de garimpeiros pode trazer para vocês?

Mauro de Jesus – Ah, muita... Como eu posso falar? Você tem a liberdade... A hora em que você está em um lugar, a polícia não chega para tirar a gente do ambiente, não é?

Elodia Lebourg – Por que isso acontece?

Mauro de Jesus – Acontece. Acontece muitas vezes. Às vezes, está trabalhando em um lugar e o pessoal, os donos de terreno, chamam a polícia, porque não pode trabalhar.

Elodia Lebourg – Ah, quando o terreno é de outra pessoa!

Mauro de Jesus – Outra pessoa.

Elodia Lebourg – Particular.

Mauro de Jesus – Sim.

Elodia Lebourg – O que acontece se a polícia chegar lá?

Mauro de Jesus – Prende, ué!

Elodia Lebourg – Prende?

Mauro de Jesus – Prende e multa, não é?

Elodia Lebourg – Isso já aconteceu com o senhor?

Mauro de Jesus – Não, comigo não. Mas já aconteceu com muitos colegas. Prenderam e a multa é cara: 1500 reais, cada pessoa.

¹¹ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

Elodia Lebourg – Nossa!

Mauro de Jesus – E se o cara está procurando é porque não tem condições de pagar a multa, não é? Ele está ali defendendo o pão para tratar da família.

Elodia Lebourg – Senhor Mauro, que tipo de habilidade é necessária para se garimpar?

Mauro de Jesus – Aqui, nós usamos mais a peneira, uma enxada, pá.

Elodia Lebourg – Mas tem que ter algum jeito ou qualquer pessoa consegue ir lá e garimpar?

Mauro de Jesus – Qualquer pessoa consegue.

Elodia Lebourg – O senhor falou de peneira. Que outros materiais ou equipamentos vocês usam no garimpo?

Mauro de Jesus – Picareta, pá, enxada. Essas ferramentas normais.

Elodia Lebourg – Para que servem esses...?

Mauro de Jesus – Para cavacar a terra, para tirar o...

Elodia Lebourg – Para quê?

Mauro de Jesus – ... cascalho do rio. Do rio ou... Tanto faz. Da terra em que nós estivermos tocando.

Elodia Lebourg – Dependendo do tipo de mineral que se procura, por exemplo, ouro ou topázio, o tipo de material, de equipamento, muda?

Mauro de Jesus – O ouro tem que ter bateia.

Elodia Lebourg – O que é bateia?

Mauro de Jesus – Bateia é um carumbezinho que eles usam. É uma bateiazinha.

Elodia Lebourg – Para que serve?

Mauro de Jesus – Para batear o ouro.

Elodia Lebourg – O que é batear o ouro?

Mauro de Jesus – É tirá-lo de dentro da água e lavar, [riso] a forma de tirar o ouro da terra.

Elodia Lebourg – Como se escolhe o local para garimpar? O que se observa no momento de fazer essa escolha?

Mauro de Jesus – Tem muita gente que já sabe onde tem, o terreno que tem topázio ou ouro. Fala: “Nós vamos trabalhar aqui, não é?” Aí nós fazemos a pesquisa para tirar ou chegar até o material.

Elodia Lebourg – O topázio, que o senhor comentou que garimpa, onde se encontra? É em mina? É na terra? Como é?

Mauro de Jesus – É na terra.

Elodia Lebourg – Vocês verificam o tipo de terra?

Mauro de Jesus – De material.

Elodia Lebourg – Como é a terra onde geralmente se encontra topázio?

Mauro de Jesus – Ela dá muito cristal, não é?

Elodia Lebourg – Cristal?

Mauro de Jesus – É. Dá cristal e uns pingos de água. A gente já chega ao topázio.

Elodia Lebourg – Geralmente, ele fica mais profundo ou na superfície?

Mauro de Jesus – Não. Tem lugar, onde nós trabalhamos, que tem 15 metros de profundidade. Depende, não é? No início, ele fica por cima, a gente já acha mais em cima. Depois ele vai descendo e vai ficando mais difícil.

Elodia Lebourg – A partir do momento em que você descobre um local para garimpar, quais são as próximas etapas da exploração, do garimpo?

Mauro de Jesus – Quando nós tiramos aquele material ali, procuramos mais onde... Quando... Dá uma formação, a gente tira o topázio e ela acaba. Aí nós procuramos até chegar a uma outra formação.

Elodia Lebourg – Informação?

Mauro de Jesus – É. Formação do garimpo, das pedras.

Elodia Lebourg – Geralmente, vocês exploram em área que vocês consideram grande ou é um espaço mais restrito?

Mauro de Jesus – Não. Se der para a gente ir para o espaço grande, nós usamos o espaço grande.

Elodia Lebourg – Existem tipos diferentes de garimpo?

Mauro de Jesus – Não. Não sendo ouro e coisa... Para nós, aqui, não. Aqui é o topázio e o ouro. Fora daqui tem. Turmalina, esmeralda, rubi... Como é? Eu esqueço o nome das outras diversas pedras. Em Ouro Preto, só topázio e ouro, não tem outro tipo de pedra preciosa. Se tiver, até hoje nós não encontramos ainda. Não se fez pesquisa, talvez, o que seria ideal.

Elodia Lebourg – A atividade do garimpo sempre foi realizada dessa maneira que o senhor faz, ou aconteceram evoluções desde a época em que o senhor começou a garimpar?

Mauro de Jesus – Não. Antigamente era muito fácil, mas hoje a atividade está mais difícil. A gente não pode entrar em qualquer terreno para tirar o topázio. Antigamente, não. Antigamente, você podia sair aí e em qualquer lugar trabalhava. Hoje, não. Hoje, se não tiver o lugar certo, a gente não pode entrar.

Elodia Lebourg – Mas, no caso da atividade em si, mudaram, melhoraram os equipamentos, os processos de garimpar? Como foi isso?

Mauro de Jesus – Não.

Elodia Lebourg – Continuam iguais?

Mauro de Jesus – O processo continua a mesma coisa.

Elodia Lebourg – E a quantidade de mineral? O senhor comenta que, da época do senhor para cá, ficou um pouco mais difícil conseguir topázio. A quantidade de mineral diminuiu também? Ou são essas outras questões, só?

Mauro de Jesus – Diminuiu também. Diminui o espaço, diminui tudo, não é? De acordo com o que vai diminuindo, a gente vai perdendo o espaço de trabalhar.

Elodia Lebourg – O senhor garimpa só topázio?

Mauro de Jesus – Só topázio.

Elodia Lebourg – Mas já garimpou outro tipo de minerais?

Mauro de Jesus – Não. Só topázio.

Elodia Lebourg – Por que o senhor nunca garimpou ouro?

Mauro de Jesus – O ouro é mais difícil, não é?

Elodia Lebourg – É mais difícil ainda?

Mauro de Jesus – Com o ouro a gente tem que trabalhar dentro da água. Topázio não. O topázio, na terra, é mais viável, não precisa ficar molhando para... Eu trabalhei na ALCAN durante 25 anos só na boca de forno. Chegar aqui, dentro da água, para trabalhar vai piorar a saúde da gente.

Elodia Lebourg – O senhor comentou anteriormente que começou o garimpo no Córrego do Tripuí. Em que outros lugares o senhor já garimpou?

Mauro de Jesus – Em Rodrigo Silva, nessa Barraginha¹² que fica longe daqui...

Elodia Lebourg – Fica longe?

Mauro de Jesus – Fica em Itatiaia, quase lá perto de Ouro Branco.

¹² Córrego próximo à região de Ouro Preto e Ouro Branco.

Elodia Lebourg – Onde mais?

Mauro de Jesus – Nesses lugares... No Salto.

Elodia Lebourg – Atualmente, o senhor ainda garimpa?

Mauro de Jesus – Garimpo.

Elodia Lebourg – Onde o senhor tem garimpado?

Mauro de Jesus – Ah, nós sempre ficamos nesse córrego aí! Até nesse córrego eles estão proibindo. A ALCAN não quer que a gente mexa mais.

Elodia Lebourg – Por quê? O senhor saberia dizer?

Mauro de Jesus – Não sei. Dizem que está descendo muito cascalho para dentro da fábrica, não é? Isso foi o que eles falaram.

Elodia Lebourg – O senhor sabe me dizer o que é uma Área de Reserva Garimpeira?

Mauro de Jesus – É uma área proibida, onde a gente não pode entrar.

Elodia Lebourg – Uma Área de Reserva Garimpeira?

Mauro de Jesus – É, uai¹³! A gente não pode entrar nessa área. Sempre tem uma placa. Nessa a gente não pode entrar porque é proibido.

Elodia Lebourg – O senhor sabe dizer o que é uma área ilegal? É a mesma coisa de uma Área de Reserva Garimpeira?

Mauro de Jesus – É.

Elodia Lebourg – O que acontece se a pessoa entrar?

Mauro de Jesus – Justamente, a polícia vai... É presa. Telefona para a polícia, a polícia vai e pega a gente.

Elodia Lebourg – Mas existem outras conseqüências, tipo ser proibido garimpar?

Mauro de Jesus – É o que eu estou falando. Se essa cooperativa sair, a gente... Os donos dos terrenos liberam a área, não é?

Elodia Lebourg – Existe alguma época do ano em que é melhor garimpar?

Mauro de Jesus – Quando essa lavra estava funcionando bem, porque descia muita coisa, era a chuva. Toda hora em que chovia, ou quando chovia muito, nós corríamos para o córrego, [riso] porque descia pedra, mesmo!

Elodia Lebourg – Aí se pegava pedra no córrego?

Mauro de Jesus – No córrego.

¹³ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

Elodia Lebourg – No leito?

Mauro de Jesus – No leito do córrego.

Elodia Lebourg – Como se faz isso? Como é esse processo de...?

Mauro de Jesus – A gente tem uma enxada, pá; vai puxando o cascalho, vai jogando para fora e vendo a pedra.

Elodia Lebourg – Você comentou que ela desce com a chuva. Ela desce de onde?

Mauro de Jesus – Da lavra.

Elodia Lebourg – Então, não é mais fácil ir até a lavra?

Mauro de Jesus – Mais fácil seria se os donos deixassem, não é?

Elodia Lebourg – Ah, ela tem proprietário!

Mauro de Jesus – É, ué!

Elodia Lebourg – Em algum horário é melhor garimpar?

Mauro de Jesus – É. A superstição é... O topázio, fala-se que é de sete às onze. Passou disso aí, parece que...

Elodia Lebourg – Sete da manhã ou...?

Mauro de Jesus – Às onze da manhã.

Elodia Lebourg – Isso é uma superstição?

Mauro de Jesus – É, faz parte. Depois desse horário, depois do almoço, o topázio não sai de jeito nenhum! [riso] Eu não sei como!

Elodia Lebourg – Mas por quê? Isso acontece com o senhor também?

Mauro de Jesus – Acontece. Com a maior parte dos garimpeiros.

Elodia Lebourg – Mas o senhor percebe isso acontecer na sua rotina?

Mauro de Jesus – Já, já. Sempre. Depois do almoço, podia guardar as ferramentas e ir embora. Não saía mais nada.

Elodia Lebourg – É isso o que vocês costumam fazer ou vocês continuam?

Mauro de Jesus – Não. Agora continuamos. Sendo na terra, nós continuamos. Na terra não! Dentro da água. Na terra já é diferente. Só na água.

Elodia Lebourg – Na terra é como, então?

Mauro de Jesus – Na terra, a gente fica o dia inteiro, não tem problema.

Elodia Lebourg – Na terra essa superstição não vale?

Mauro de Jesus – Na terra não tem superstição. Na terra sai; se tiver de sair, sai em qualquer horário. Depende de chegar à formação.

Elodia Lebourg – Em média, quantas horas por dia o senhor trabalha?

Mauro de Jesus – No garimpo? Trabalho cinco, seis horas por dia.

Elodia Lebourg – Todo dia?

Mauro de Jesus – Todo dia também. Todo dia eu trabalho.

Elodia Lebourg – Como você consegue avaliar o resultado de um garimpo?

Se um garimpo está sendo produtivo, se não está sendo?

Mauro de Jesus – É quando nós achamos o material. Quando não achamos o material, nós... Ele está produzindo... Então, enquanto não chegamos ao material, nós temos que lutar, porque estamos sabendo que tem, não é? Nós ficamos ali insistindo até...

Elodia Lebourg – Mas como se percebe se está achando material? É muito material; às vezes é pouco material. Como é isso?

Mauro de Jesus – Não. Costuma o material sair... É muita coisa, não é pouca coisa!

Elodia Lebourg – É muita coisa?

Mauro de Jesus – É.

Elodia Lebourg – Muita coisa quanto?

Mauro de Jesus – Muitas pedras saem. Costumam sair muitas pedras. De acordo com a turma que está, dá para pagar bastante tempo, não é?

Elodia Lebourg – Quem faz esta avaliação: se o garimpo está indo bem ou se está indo mal? São vocês mesmos?

Mauro de Jesus – Somos nós mesmos, a turma mesma.

Elodia Lebourg – O senhor trabalha sozinho ou trabalha com um grupo?

Mauro de Jesus – Nós temos um grupo.

Elodia Lebourg – Quem são? São quantos?

Mauro de Jesus – Atualmente, nós somos sete pessoas. Tem um colega que já veio aqui, já fez entrevista aqui: José Natividade¹⁴.

Elodia Lebourg – Quais são os outros?

Mauro de Jesus – Esses outros não vieram aqui ainda, não. Esses outros são lá de Saramenha de Cima¹⁵.

Elodia Lebourg – Quem são? O senhor saberia me dizer os nomes?

Mauro de Jesus – Ah, o nome certo, assim de cabeça, eu não sei! Tem o Mundinho, o Raimundo¹⁶, que também já veio aqui. Mundinho. Ele falou que

¹⁴ José Natividade Câmara, entrevistado pelo Vale Registrar.

¹⁵ Bairro de Ouro Preto.

nós... O problema aí eu acho que não sei... Não falou nada com a turma lá de cima, para trazer a turma. A gente sabe de muitos, mas às vezes não vão querer, não é? Tem muita gente que é sistemática, não gosta de falar nada.

Elodia Lebourg – O senhor vai garimpar sempre com eles.

Mauro de Jesus – Sempre com eles.

Elodia Lebourg – No mesmo espaço.

Mauro de Jesus – No mesmo espaço.

Elodia Lebourg – Vocês dividem os resultados?

Mauro de Jesus – Dividimos.

Elodia Lebourg – Dividem entre os sete.

Mauro de Jesus – Entre os sete.

Elodia Lebourg – Não fica muito pouquinho, não?

Mauro de Jesus – Não fica, não! Depende da pedra, não é?

Elodia Lebourg – Quando vocês adquirem uma pedra, como vocês vendem? Para quem vocês vendem?

Mauro de Jesus – Nós vendemos para esse moço que já veio aqui também, o Mundinho, ou para o Edmar, um moço de Rodrigo Silva.

Elodia Lebourg – Quem?

Mauro de Jesus – Edmar.

Elodia Lebourg – O que eles fazem com essas pedras? Eles têm lojas? Eles...

Mauro de Jesus – Têm, uai! Esse lá tem loja.

Elodia Lebourg – E só vendem para eles?

Mauro de Jesus – Só vendemos para eles.

Elodia Lebourg – Costumam vender para turista?

Mauro de Jesus – Não.

Elodia Lebourg – Que tipo de problema, além desses que o senhor comentou – estar em uma área ilegal, poder ser preso –, pode acontecer em um garimpo?

Mauro de Jesus – Às vezes, tem lugar que é muita mata. Às vezes, destrói as matas. E aí não pode, não é? Esses problemas.

Elodia Lebourg – Mas e problema com o garimpeiro? Pode acontecer algum tipo de acidente?

¹⁶ Raimundo Luciano dos Santos, entrevistado pelo Vale Registrar.

Mauro de Jesus – Não, isso aí é mais difícil.

Elodia Lebourg – Por que é mais difícil?

Mauro de Jesus – Ah, tem que trabalhar atento! Em qualquer área em que nego¹⁷ trabalhar, se der bobeira, ele se machuca, não é? Até quem mexe [inaudível], eu me machuco. [riso] O cara vai e tropeça aqui. Tem que ter... Não ficar de coisa... Trabalhar à vontade, não é? Tranquilo, sem correria, pensando na vida ali, como vai achar... Ficar aceso para achar a pedrinha.

Elodia Lebourg – Mas o senhor sabe de algum caso de acidente com garimpeiro?

Mauro de Jesus – Eu já ouvi falar que em Antônio Pereira¹⁸ mesmo já aconteceu. Não tenho certeza.

Elodia Lebourg – Qual foi essa história? O que aconteceu?

Mauro de Jesus – Dizem que a terra arriou em cima deles.

Elodia Lebourg – Arriou? Caiu?

Mauro de Jesus – Caiu.

Elodia Lebourg – Em cima de vários garimpeiros?

Mauro de Jesus – Eu acho que uns dois, mas não...

Elodia Lebourg – Vocês usam algum tipo de equipamento de segurança para garimpar? Algum tipo de uniforme...

Mauro de Jesus – Nada. Só usamos roupa nossa.

Elodia Lebourg – Para o garimpo no córrego, usa-se algum tipo de bota?

Mauro de Jesus – Bota de borracha.

Elodia Lebourg – A saúde do garimpeiro fica comprometida com esse tipo de trabalho? Trabalhar muito tempo dentro da água ou... Tem alguma questão?

Mauro de Jesus – Ah, depende! No garimpo dentro do córrego, você molha muito ao puxar aquela enxada ali. [inaudível] molha.

Elodia Lebourg – Acontece muito garimpeiro adoecer por causa disso?

Mauro de Jesus – Não, até hoje eu não... Ninguém nunca reclamou que estivesse doente por causa do garimpo.

Elodia Lebourg – Senhor Mauro, se você e seus companheiros exploram um garimpo, o que acontece se chegarem outros garimpeiros e invadirem esse local? Existe essa possibilidade?

¹⁷ Gíria utilizada para indicar uma pessoa qualquer.

¹⁸ Distrito de Ouro Preto.

Mauro de Jesus – Não. Não existe, porque os garimpeiros todos são unidos. Se eu estou trabalhando aqui, eles falam: “Posso trabalhar ali?” Aí falo: “Pode, não é?” Não tem problema. A gente está trabalhando aqui, dá oportunidade para ele entrar ao lado ali. Não tem nada a ver.

Elodia Lebourg – Aqui na região são muitos garimpeiros?

Mauro de Jesus – Quase todo mundo garimpa aqui, não é?

Elodia Lebourg – O senhor falou do pessoal de Saramenha. Tem algum lugar próximo a Saramenha que tem garimpo?

Mauro de Jesus – Tem. O garimpo da Vermelhão¹⁹. O foco da lavra é aqui em cima, em Saramenha.

Elodia Lebourg – Vermelhão, o que é isso?

Mauro de Jesus – É o nome que eles puseram na empresa, na firma.

Elodia Lebourg – É uma firma?

Mauro de Jesus – É um garimpo. É uma firma.

Elodia Lebourg – A região tem muita empresa de garimpo. Em geral, o garimpeiro prefere trabalhar por conta própria ou para uma dessas empresas? Em que se lucra mais?

Mauro de Jesus – Não, não sendo... Se eles montarem a cooperativa, eu prefiro trabalhar para a cooperativa. No momento, conta própria é melhor, não é?

Elodia Lebourg – Uma pedra de topázio vale muito?

Mauro de Jesus – Depende da cor, não é? Tem roxo, vermelho, amarelo, rosa. O roxo é o mais caro.

Elodia Lebourg – Por quê?

Mauro de Jesus – Eles falam, não é? Eu não posso explicar, mas o mais caro é o roxo.

Elodia Lebourg – Mais caro quanto? Quanto é uma pedra?

Mauro de Jesus – Até hoje ninguém nunca falou para a gente quanto vale o quilate de pedra. Nós vendemos avulso, não é? Mas é caro. Tem...

Elodia Lebourg – Por quanto, mais ou menos, vocês vendem uma pedra?

Mauro de Jesus – Depende da pedra: cinco mil dólares, 10 mil dólares.

Elodia Lebourg – Vendem em dólar?

¹⁹ Mina do Vermelhão, dedicada à exploração de topázio imperial. Localizada em Saramenha.

Mauro de Jesus – É dólar. O homem lá só paga em dólar; ele gosta de pagar em dólar. Esses compradores de Ouro Preto não pagam em dólar; eles só vendem²⁰ mesmo em real...

Bernardo Andrade – Mas cinco mil dólares é uma pedra de que tamanho?

Mauro de Jesus – Depende: cinco quilates, 10 quilates de pedra. É uma pedrinha assim, desse tamaninho assim²¹, se ela for toda limpa, toda pura, sem defeito nenhum.

Elodia Lebourg – Dá para ficar rico?

Mauro de Jesus – Dá. Se tiver jeito de mexer, dá para ficar rico.

Elodia Lebourg – Tem garimpeiro que já achou pedra muito grande e ficou realmente rico?

Mauro de Jesus – Tem, tem, tem. Mas depois joga tudo fora, não é? Quando ele está ali, ele pensa que vai achar outra depressa. E não acha, não é? Em Saramenha mesmo aconteceu com muita gente. Ficou rica. Depois abusou da sorte... A gente chegava à sua casa: cinco, seis carros, cada um tinha um carro na porta. Depois teve que vender tudo.

Elodia Lebourg – Abusou da sorte?

Mauro de Jesus – Abusou da sorte. Não pode abusar da sorte.

Elodia Lebourg – Para o senhor, o que é abusar da sorte?

Mauro de Jesus – É... Às vezes, ter muito dinheiro e jogar fora, não é? Fazer muita extravagância não pode! Quem garimpa tem que economizar.

Elodia Lebourg – Senhor Mauro, existem gírias, expressões que são específicas dos garimpeiros? Que vocês falam entre si?

Mauro de Jesus – Ah, tem! Gíria que você fala... Assim, pôr apelido, não? Como é? Ninguém fala o nome do sujeito, chama-o pelo apelido. Se eu falar meu nome lá, Mauro, ninguém conhece, não é?

Elodia Lebourg – Qual é mesmo seu apelido?

Mauro de Jesus – Sauá. Eles me chamam de Sauá. Se você falar Mauro... “Quem que é Mauro?” Ninguém sabe.

Elodia Lebourg – E expressões, ou gírias ou apelidos que vocês usam na atividade? Existem?

Mauro de Jesus – É pepita: “Nós vamos achar uma pepita aqui”.

²⁰ Provavelmente, o entrevistado quis dizer “compram”.

²¹ O entrevistado mostra com as mãos o tamanho aproximado da pedra.

Elodia Lebourg – O que é pepita?

Mauro de Jesus – Pepita é a pedra.

Elodia Lebourg – Quais foram as duas expressões que já falaram para a gente? Bamburro.

Mauro de Jesus – Bamburrar! Bamburrar é achar uma pedra grande, não é?

Elodia Lebourg – É uma pedra grande?

Mauro de Jesus – É.

Elodia Lebourg – E curiango?

Mauro de Jesus – Curiango é uma pessoa que vai trabalhar em um lugar, como nessa firma aí... Você vai fazer um curiango à noite lá. Está na formação, vem um cara de lá e avisa a gente: “Oh, nós estamos lá na formação e está dando pedra para danar!” Aí, à noite a gente vai.

Elodia Lebourg – Vai escondido?

Mauro de Jesus – É, uai! [riso]

Bernardo Andrade – Então, curiango é esse que vai escondido?

Mauro de Jesus – É esse que vai escondido.

Elodia Lebourg – À noite.

Mauro de Jesus – À noite.

Elodia Lebourg – O que é curiango? De onde veio esse termo?

Mauro de Jesus – Isso eu não posso falar. Curiango vai à noite, trabalha... Fazer o curiango, trabalhar no serviço dos outros. Vai invadir o terreno dos outros.

Elodia Lebourg – É um pássaro?

Bernardo Andrade – Não sei.

Elodia Lebourg – É? Acho que é um pássaro que só...

Mauro de Jesus – Anda pela noite.

Elodia Lebourg – À noite, não é isso?

Mauro de Jesus – É.

Elodia Lebourg – O senhor faz muito isso?

Mauro de Jesus – Não. É difícil... Quando a gente vai fazer um curiango, o pessoal... É difícil chamar a gente, não é?

Elodia Lebourg – Uai! Por quê? Você comentou que vocês são companheiros!

Mauro de Jesus – Não. Uma vez, de Saramenha de Cima eles telefonaram para a gente aqui. Aí nego foi, não é? Aquele pessoal lá todo é o dono do

terreno. Só que tem que eles não podem mexer, porque tem uma firma que tomou deles. [riso]

Elodia Lebourg – O dono do terreno, então, não é o proprietário da firma?

Mauro de Jesus – Não.

Elodia Lebourg – Por que essa firma tomou o terreno deles?

Mauro de Jesus – Eles registraram essa firma lá, na Vermelhão, e começaram a tocar a lavra. O pessoal mesmo, que era dono, ficou de fora.

Bernardo Andrade – Mas Vermelhão é o nome da firma ou é o nome do lugar?

Mauro de Jesus – Vermelhão é o nome da firma.

Bernardo Andrade – Da firma?

Mauro de Jesus – Da firma. Hoje em dia, a Vermelhão vendeu para o pessoal de fora. Tem um pessoal de fora que toca essa firma. Não é daqui, não.

Bernardo Andrade – Mas o terreno não é da firma, não?

Mauro de Jesus – Não. O terreno é do pessoal da antiga Vermelhão.

Elodia Lebourg – Senhor Mauro, ainda sobre o topázio, o senhor comentou que tem essa variedade de cores. Qual delas mais se encontra em Ouro Preto?

Mauro de Jesus – Encontram-se mais o amarelo e o roxo.

Elodia Lebourg – O amarelo é menos valioso?

Mauro de Jesus – O amarelo é menos valioso.

Elodia Lebourg – E também tem rosa...

Mauro de Jesus – Tem rosa, tem roxo, vermelho.

Elodia Lebourg – O rosa não tem aqui na região.

Mauro de Jesus – Tem, costuma achar também algumas pedrinhas.

Elodia Lebourg – Eu queria que o senhor comparasse... O senhor comentou que, conforme a pedra, um topázio roxo pode ser vendido até por cinco mil dólares. E uma pedra amarela do mesmo tamanho?

Mauro de Jesus – Essa vale menos.

Elodia Lebourg – Quanto, mais ou menos?

Mauro de Jesus – Ah, essa aí costuma vender... Esse pessoal dá para a gente mil dólares, dois mil dólares. Daí para trás. Não tem muito valor, não.

Bernardo Andrade – E o topázio imperial?

Mauro de Jesus – Esse daqui, de Ouro Preto, é imperial.

Bernardo Andrade – Mas ele pode ser dessas cores todas?

Mauro de Jesus – Pode.

Bernardo Andrade – Não tem uma cor específica.

Mauro de Jesus – Não, não tem. Só tem... Essas cores mesmas.

Elodia Lebourg – Senhor Mauro, o senhor ainda trabalha?

Mauro de Jesus – Em companhia não. Só trabalho no garimpo mesmo.

Elodia Lebourg – Isso que eu estou...

Mauro de Jesus – No garimpo, nós trabalhamos.

Elodia Lebourg – E ainda pretende trabalhar por muito tempo?

Mauro de Jesus – Pretendo, ué! Se Deus quiser, não é?

Elodia Lebourg – Ainda está achando muita pedra?

Mauro de Jesus – Não. Por esses dias agora, eu não tenho achado. Mas nós estamos fazendo força para achar.

Elodia Lebourg – Isto está me intrigando: o senhor falou que está tendo essa escassez; o senhor já está aposentado e continua garimpando. Que relação é essa que o senhor tem com o garimpo, que o faz ainda continuar tentando?

Mauro de Jesus – O gosto de trabalhar. Eu acho o garimpo bom. E continuo.

Elodia Lebourg – Mesmo não encontrando?

Mauro de Jesus – Mesmo não encontrando. Tem que insistir, não é?

Elodia Lebourg – O senhor encontra pedra quantas vezes, mais ou menos, por semana? O senhor falou que trabalha de cinco a seis horas por semana²².

Mauro de Jesus – Costumo demorar 15 dias para achar uma pedra.

Elodia Lebourg – Quinze dias? Uma pedra!

Mauro de Jesus – Não. Quando acha, acha muito, não acha pouco, não é? É por isso que a gente anima. Quando a gente [está no bucho]²³ de pedra... É muita pedra!

Elodia Lebourg – Quando acontece ficar um tempo assim... Atualmente, vocês estão mudando de lugar?

Mauro de Jesus – Não. Nós só trabalhamos naquele lugar até...

Elodia Lebourg – Ficam mais ou menos por quanto tempo em um lugar?

Mauro de Jesus – Nós costumamos ficar dois, três meses em um lugar só.

Elodia Lebourg – Depois começam a pesquisar outro lugar?

Mauro de Jesus – Outro lugar.

²² A entrevistadora confundiu-se: o entrevistado trabalha de cinco a seis horas por dia.

²³ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Elodia Lebourg – Vocês têm também esse costume de ir para um lugar que já está sendo explorado por outros garimpeiros? Ou vocês preferem ir para um lugar novo, que ainda não foi explorado?

Mauro de Jesus – Depende. Se eles convidarem a gente, a gente vai. Às vezes, podem convidar: “Vamos trabalhar lá com a gente”. E a gente vai.

Bernardo Andrade – Aí tem alguma contrapartida, Senhor Mauro? Eles te convidam e você tem que dar alguma porcentagem para eles?

Mauro de Jesus – Não, nada não. É somente coleguismo. Só para...

Elodia Lebourg – Senhor Mauro, são quantos anos mais ou menos de garimpo?

Mauro de Jesus – Ah, eu comecei com isso em 1983, não é? Bastante tempo!

Elodia Lebourg – Nesses mais de 20 anos, eu queria que o senhor contasse algum fato, um caso, engraçado, triste, que o senhor guardou na memória.

Mauro de Jesus – No garimpo, triste não tem. É só alegria, que a gente vai...

Elodia Lebourg – Mas tem algum caso alegre, engraçado, alguma coisa que aconteceu com o senhor e seus companheiros?

Mauro de Jesus – A única coisa... Indo para o garimpo uma vez, nós encontramos dois corpos. Um cara tinha matado o sujeito e tinha jogado na beira da estrada.

Elodia Lebourg – Aí vocês encontraram? Duas pessoas mortas?

Mauro de Jesus – Encontramos. Duas pessoas mortas, queimadas.

Elodia Lebourg – Queimadas? Que horror! E aí chamaram a polícia?

Mauro de Jesus – Nós chamamos. A vantagem nossa é que nós trabalhávamos com um sargento da polícia, que era aposentado. Ele chamou seus colegas.

Elodia Lebourg – Quando foi isso?

Mauro de Jesus – Ah, deve ter uns três ou quatro... Uns seis anos.

Elodia Lebourg – Onde foi?

Mauro de Jesus – No arrozal aqui, perto de Rodrigo Silva.

Elodia Lebourg – Era um lugar assim no meio do mato, estavam escondidos ou...?

Mauro de Jesus – Não, estavam na beira da estrada. Estavam jogados, [inaudível]. Jogaram os corpos assim, os dois corpos.

Elodia Lebourg – O que isso representou para o senhor? Que estranho...

Mauro de Jesus – Ah, esse dia eu fiquei triste, não é? Aborrecido. Eu fiquei triste nesse dia, uai! Nós viemos coisa e achamos esses... Até para o dono do terreno também é chato! Aquilo atrapalha o dono do terreno.

Elodia Lebourg – O senhor precisou ir à delegacia fazer ocorrência?

Mauro de Jesus – Não, não. Não precisamos, porque nós estávamos com... Nós tínhamos um ex-policial.

Elodia Lebourg – Você trabalha então com outras pessoas que são aposentadas também?

Mauro de Jesus – Todo mundo. Nossa turma toda é aposentada.

Elodia Lebourg – Trabalhavam em outras áreas, inicialmente?

Mauro de Jesus – Não. Todos da Companhia²⁴.

Elodia Lebourg – E esse sargento.

Mauro de Jesus – Esse daí não. Ele não trabalhava, não. Ele era de Barbacena²⁵.

Elodia Lebourg – Ele trabalhava aqui com vocês?

Mauro de Jesus – Agora, que se aposentou, é que ele está trabalhando com a gente.

Elodia Lebourg – E tem algum caso engraçado, alegre, especial para contar para a gente?

Mauro de Jesus – As brincadeiras. Nós sempre estamos brincando. [riso] Sempre as brincadeiras. Não tem especial assim... Não, não tem.

Elodia Lebourg – E os apelidos dos outros companheiros?

Mauro de Jesus – Ah, quando chama pelo apelido, uns não gostam, não é?

Elodia Lebourg – Mas o senhor é o Sauá.

Mauro de Jesus – Sauá.

Elodia Lebourg – E os outros apelidos? Conta alguns para a gente.

Mauro de Jesus – Ah! Muitos apelidos a gente não... A gente não pode falar, porque tem muita gente que não gosta que fale, não é? Eu não me incomodo, mas outros não gostam.

Elodia Lebourg – Mas todo mundo acha ruim, ou tem gente que...?

Mauro de Jesus – Tem gente que não gosta que chame pelo apelido, não é?

Elodia Lebourg – Mas tem gente que não se incomoda.

²⁴ A antiga ALCAN.

²⁵ Município de Minas Gerais.

Mauro de Jesus – Uns não se incomodam.

Elodia Lebourg – O senhor sabe dizer o apelido desses?

Mauro de Jesus – Ah, muitos não... Só o meu mesmo, não é? [risos]
[inaudível]

Elodia Lebourg – Bernardo?

Bernardo Andrade – Não.

Elodia Lebourg – Senhor Mauro, a gente vai terminar a nossa entrevista. Eu queria fazer uma última pergunta: o que o senhor achou de ter vindo aqui, de ter dado seu depoimento, de ter participado do Vale Registrar?

Mauro de Jesus – Achei muito legal, ué! Não sei se vocês gostaram. O que deu para falar eu... O que eu pude eu falei.

Elodia Lebourg – Mas gostou?

Mauro de Jesus – Gostei. Gostei muito!

Elodia Lebourg – Obrigada, Senhor Mauro.

Mauro de Jesus – De nada.

Bernardo Andrade – Obrigado.

Mauro de Jesus – Às ordens. Precisando, a gente está às ordens.

[Término da entrevista]